



Na viagem ao Canadá, Fernando Henrique invocou condição de ex-constituente ao defender legalidade da quebra de sigilo

# Defesa da quebra de sigilo

Fernando Henrique nega o direito de privacidade a “laranjas e fantasmas”

RENATA GIRALDI  
Enviada especial

VANCOUVER, CANADÁ – O presidente Fernando Henrique Cardoso voltou a defender ontem a quebra do sigilo bancário de suspeitos de sonegação, afirmando que “laranjas e contas fantasmas” não têm direito a privacidade. Fernando Henrique disse ainda ter a convicção de que a medida não viola a Constituição. “A base é legal. Tem amparo legal. Eu fui constituinte, sei disso”, afirmou.

“Eu nunca vi que laranja tenha privacidade e que conta fantasma tenha privacidade”, enfatizou o presidente. “Não existe privacidade de contas fantasmas. Isso é sonegação. Não podemos achar argumentos para defender sonegadores. A Constituição, quando colocou entre vírgulas a expressão ‘de dados’, referiu-se à privacidade telefônica e de

correspondência, não em geral das coisas”.

Pela primeira vez nos últimos seis anos, jornalistas viajaram com o presidente Fernando Henrique Cardoso e sua comitiva no mesmo avião. Foram quase 12 horas de viagem entre Brasília e Vancouver, com a imprensa e as autoridades separadas apenas por uma cortina.

A tensão foi quebrada pelo bom humor do presidente. Fernando Henrique foi até o local onde estavam os jornalistas e jurou que dormiu “só um pouquinho depois do almoço”. Sugeriu a leitura do livro *A festa do bode*, do peruano Mário Vargas Llosa: “O que eu fiz nesse tempo todo de viagem? Ah, eles (os assessores) me dão uma porção de relatórios para ler. Mas consegui, também, ler *La fiesta del chivo* (título original, em espanhol) do Llosa, é ótimo. Eu recomendo, depois do livro vocês

são capazes de voltar ao Brasil e achar tudo ótimo. Se vocês quiserem eu empresto.” Llosa conta a história do ditador Rafael Leonidas Trujillo, que governou a República Dominicana por 31 anos, sendo acusado de uma série de arbitrariedades, inclusive abuso sexual de menores.

Antes mesmo de o Boeing 330 da TAM levantar voo, Fernando Henrique e a mulher, Dona Ruth Cardoso, passearam pelo avião, cumprimentando cada um dos passageiros. “Acho que querem matar o presidente”, brincou Dona Ruth, falando sobre os nove dias de viagem, voando cerca de 55 horas e 42 mil quilômetros. “É assim mesmo. Eles (os assessores) acharam melhor este esquema, então está bom”, minimizou Fernando Henrique.

O líder do governo na Câmara, deputado Arnaldo Madeira (PSDB-SP), foi a presença mais

freqüente na ala da imprensa. Brincou e riu, mas não falou nada de política. “Estamos viajando”, desconversou Fernando Henrique. Já o relator da reforma tributária na Câmara, deputado Marcos Cintra (PL-SP), evitou passar pela cortina que dividia as alas da imprensa e da comitiva.

As sugestões para os mais medrosos diante das 12 horas de voo variavam. “Bebe um pouquinho”, disse alguém. “Não bebe, não. Beber no avião faz mal”, recomendou o presidente a um repórter que se recusava a tirar o paletó e desgrudar da poltrona. “Sim, senhor”, respondeu o jornalista.

Bebidas de qualidade e menu refinado fizeram parte de um serviço de bordo requintado, com guardanapos e toalhas bordadas com o logotipo “Voo presidencial”. Foram servidos tru-fas de chocolate, canapés e bebidas a cada intervalo.